

# A Sociologia Brasileira e seus Desafios: entrevista com Carlos Benedito Martins

O professor Carlos Benedito Martins é professor titular da Universidade de Brasília, graduado e mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e doutor em Sociologia pela Universidade de Paris, com pós-doutorado na Universidade de Colúmbia. Foi *Visiting Scholar*. Esteve na Universidade de Oxford, na Universidade de Colúmbia, no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, na Universidade Livre de Berlim e, por diversas vezes, na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*, na Universidade de Hong Kong e na Universidade Nacional de Singapura. Bolsista de produtividade nível 1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), já integrou o comitê avaliador da CAPES na área de Sociologia, além de já ter integrado a diretoria da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e atualmente ser presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS).

O professor Carlos Martins atua principalmente no campo da Sociologia da Educação, com destaque para o debate sobre ensino superior. Nesta entrevista, concedida em outubro de 2018 durante sua estadia na cidade de Florianópolis, o professor nos apresenta um pouco de sua trajetória no campo das Ciências Sociais, destacando seu encontro com figuras que marcaram o campo da Sociologia brasileira e internacional, como Florestan Fernandes e Pierre Bourdieu, além de analisar questões pertinentes ao campo da Sociologia da Educação e do lugar da Sociologia brasileira na ordem mundial.



**Direito autoral e licença de uso:** Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

Amurabi Oliveira (**A.O.**): – Professor Carlos, eu gostaria que o senhor falasse um pouco sobre sua própria trajetória, como chegou às Ciências Sociais, como que você constituiu sua trajetória nesse campo.

Carlos Benedito Martins (**C. B. M.**): – Acho que foi o negócio do movimento estudantil. Essa coisa do movimento estudantil foi muito forte, né?. Eu entrei na universidade em 67. Não, foi 68 que eu entrei na universidade. 67 ou 68, eu não me lembro mais, porque eu fiz duas grades. A primeira em Goiânia; depois, eu fui para São Paulo. Eu terminei em 71 [...], se eu acho que fiz 67 ou 68. Aí fui para São Paulo e fiz 69, 70 e 71. Eu fiz em cinco anos. Tem duas coisas muito importantes. Eu acho que uma foi quando eu entrei na universidade, pois eu comecei logo depois da ditadura. E era muito engraçado, pois eu tinha na minha sala de aula uns caras que iam de farda, o que era muito esquisito, e depois eu descobri que eles eram agentes do DOPS. Eu tinha uma colega na sala de aula que era comunista, do partido comunista, e a gente tinha uma relação de amizade muito legal, e ela começava a estudar. Eu ia muito à casa dela, à tarde, estudar com ela e tal. E aí ela começou a me dar coisas do partido comunista. Tinha o jornal “a causa operária” e tal, eu comecei a ler o jornal “a causa operária”, eu me lembro de que comecei a ler aquele livro. Ela me deu, de um “marxistão” radical lá da Rússia. Então, eu comecei a entrar no partido comunista, era militante do partido comunista, meio clandestino. E isso me levou a militar no movimento estudantil também, né? Eu comecei a militar no movimento estudantil.

**A.O.:** – Mas isso já na universidade?

**C.B.M.:** – É, já na universidade, aí tinha o movimento estudantil, era muito repressivo em Goiás. Goiás teve uma intervenção militar muito forte. O governador eleito era o Mauro Borges na época. Foi deposto, eu me lembro. Isso estava ainda terminando o ginásial, e eu lembro as forças, os tanques entrando na cidade, os aviões passando em cima do palácio. E quem assumiu o governo foi o Meira Mattos. O Meira Mattos era um general que tinha acabado de invadir a República Dominicana [...]. E aí foi uma repressão muito forte em termos de forças armadas e prisão e tal. E aí eu comecei a militar no movimento estudantil, fazer passeata, fazer cartazes, essas coisas. E aí eu fui para a União Estadual de Estudantes. O líder da

União Estadual de Estudantes percorria vários lugares do estado de Goiás e tal. Para nossa chapa e tal, fui eleito e tal. E, no final de 68, teve o Ato 5. O AI 5 foi uma coisa muito repressiva. E, nessa época, curiosamente, meu pai tinha me dado uma passagem para Europa. Foi a primeira vez que fui para Paris, e, quando eu cheguei, passei dois meses viajando. Quando eu cheguei, eu fiquei sabendo que tinha uma rádio patrulha. Na época, era rádio patrulha na porta da minha casa, o tempo todo, me vigiando. E quase todo mundo desse pessoal da minha chapa foi [...] muitos desapareceram, muitos foram torturados [...]. Eu fui para São Paulo. Seguiu em São Paulo uma repressão muito forte, porque em São Paulo você tinha um movimento estudantil muito forte. E foi muito engraçado, porque eu fui para PUC de SP, que era uma classe que só tinha 18 mulheres e três homens. E uma vez o professor, dando aula, falou do partido comunista. Aí uma menina falou “mas tem partido comunista no Brasil?”; então, era uma classe extremamente alienada, não tinha condição de nessa época eu voltar à militância política porque estava muito forte a repressão em São Paulo. Bom, e aí eu me formei em 71 e 72. E, nessa época, a PUC estava muito impregnada pela teologia da libertação e essas coisas todas. E eu entrei em um grupo que era de metodologia científica, e era um grupo bem de esquerda. Engraçado que era um grupo bem regularista, mas era de esquerda. Eles faziam essa combinação meio estranha. E a gente começou a ler muito Paulo Freire e tal. E eu fiquei, fui ficando lá [...]. Depois, eu passei para dar aula de Sociologia, e foi um momento que começou a expansão do ensino privado de São Paulo. E aí eu comecei a ver a diferença que tinha na PUC, do tipo de liberdade que tinha na PUC. E, ao mesmo tempo, eu comecei a ter contato com a FMU, Faculdade Metropolitana Unidas, e comecei a comparar a PUC com a FMU e eu fiquei muito [...]. Eu comecei a conversar com um professor e outro. E tinha o Maurício Tragtenberg que era um cara muito importante, começou a conversar comigo e me deu uma dica de fazer uma pesquisa sobre a FMU. O Maurício Tragtenberg escreveu coisas magníficas sobre ensino superior e tal [...]. E o Maurício era muito generoso, se encontrava comigo, conversava comigo. E tinha um amigo dele que era diretor ou alguma coisa na FMU, e ele falou: “vai lá e conversa com ele, porque você vai ter muita dificuldade para ter autorização para fazer pesquisa lá dentro”. Aí eu já comecei a perceber

um pouco do caráter repressivo da FMU. Aí eu fui lá, conversei com esse cara, e ele me disse: “não posso te dar uma autorização formal, porque eu não tenho esse poder e também porque, se alguém souber eu vou me dar mal aqui; então, você venha para cá e vai conversando com o povo. Faz de conta que você tá frequentando aqui”. E aí eu fiquei impressionado que era um ambiente extremamente repressivo, bem foucaultiano. Foi quando eu usei Foucault na minha dissertação, porque era uma instituição bem vigiada. E muitos militares do exército, e policiais também estudavam lá. Então, foi ali que eu comecei a me interessar por essa questão do ensino superior, nesse momento a comparação entre a PUC e a FMU.

**A. O.:** – Maurício Tragtenberg foi seu orientador do mestrado?

**C. B. M.:** – Não, quem foi meu orientador [...] o Tragtenberg foi um cara que marcou muito. Eu nunca fui aluno formal dele, mas ele foi um professor muito [...]. Ele era um cara muito generoso, me encontrava no corredor, conversava comigo [...] ele fez o prefácio da primeira edição do meu livro, encontrava comigo, conversava comigo. Quem foi meu orientador foi Maria Andrea Loyola, que não entendia absolutamente nada de educação. Ela falou para mim, mas foi uma pessoa muito bacana que tinha acabado de defender a tese dela em Paris, sob a orientação do Alain Touraine. E ela falou: “olha, não entendo nada desse assunto, mas você vai me trazer os dados e eu vou tentar coordenar a parte metodológica do seu trabalho”. E foi ela depois que me colocou em contato com o pessoal do Bourdieu. Eu terminei meu mestrado. Aí ela falou: “você vai para França. Vai lá trabalhar com o pessoal do Bourdieu”, tanto assim que ela escreveu para o Bourdieu para ele me orientar; mas, o Bourdieu já tinha sido escolhido pelo College de France. E aí o Bourdieu mandou uma carta para ela, indicando outra pessoa para me orientar, e dizia que eu estava com livre acesso ao grupo dele [...]

**A. O.:** – Foi a Viviane Isambert Jamati que o orientou, certo? Ela também orientou vários brasileiros também [...]

**C. B. M.:** – A Silke [...]

**A. O.:** – Acho que a Silke não, mas a Maria Alice Nogueira sim.

**C. B. M.:** – Exatamente.

**A. O.:** – Acho que aqui da UFSC ela orientou a Nadir Zago.

**C. B. M.:** – A Nadir já aposentou?

**A. O.:** – Já aposentou. Está em Chapecó, como uma professora visitante em uma universidade de lá.

**C. B. M.:** – Ela ficou muito minha amiga. Eu encontrava muito ela [...] Então, foi por aí que eu fui entrando de ensino superior, foi por aí essa trajetória [...].

**A. O.:** – Isso me remete a uma outra questão, pois me parece que essa geração, formada por você, Silke Weber, Maria Alice Nogueira, Clarissa Baeta Neves etc., acabou elaborando um debate pioneiro na Sociologia da Educação no Brasil.

**C. B. M.:** – Eu acho, por exemplo, que eu dei uma contribuição, modéstia à parte, porque tinha muitos poucos trabalhos sobre ensino privado. Tinha um trabalho, acho que do Cunha, algumas coisas assim, mas era mais genérico. E eu acho que fui o primeiro a entrar em uma escola e desenhar um pouco o que acontecia ali dentro. Eu fiquei muito impactado com o que acontecia ali. E foi um trabalho que me deu [...] as pessoas diziam que era para eu tomar cuidado, porque eu estava mexendo com um pessoal muito poderoso, pessoal repressivo, que tinha conexões fortes com repressão. Mas, foi legal. Eu gostei desse trabalho. E o Florestan fez o prefácio da segunda edição do meu livro.

**A. O.:** – Nessa época o Florestan era na PUC, certo?

**C. B. M.:** – O Florestan estava na PUC. Eu era chefe de departamento de Sociologia, o Florestan estava no departamento de Ciência Política, e o Florestan fazia muitas reuniões. Ele participava de reforma curricular. Daí teve uma coisa uma engraçada, porque eu dava também aula na Faculdade Objetivo, que depois virou uma dessas universidades do gênero fortíssimas hoje em dia. Eu dava aula para o filho do Florestan, e ele gostava muito de mim, o filho dele. Um dia ele falou para o pai dele, o Florestan, que eu era professor dele e ele gostava muito de mim. E um dia, conversando com o Florestan, ele falou “por acaso você é o Carlos que deu aula para o meu filho?” [...]. Aí o Florestan ficou muito amigo meu, quando eu chegava à

PUC, ele me chamava para conversar com ele. Ele deu muitos “pitacos” na minha tese, na minha dissertação. E, quando saiu o livro [...], o livro teve uma procura muito grande, que ele esgotou rapidamente. E aí, na segunda edição, o Florestan já era deputado. E, quando eu estava na França, quando eu cheguei à França, eu conversei com ele. E ele fez o prefácio da segunda edição do meu livro.

**A. O.:** – E, na França, o senhor chegou a ter aula com o Bourdieu?

**C. B. M.:** – Eu participei com o Bourdieu [...]. Bourdieu tinha uma coisa que ele chamava de seminário fechado, *séminaire fermé*, que era um seminário que ele dava para 15 pessoas, mas você tinha que mandar uma carta para ele, para ele te admitir no seminário.

**A. M.:** – Isso era no *Collège de France* ou na *École des Hautes Etudes en Sciences Sociales*?

Carlos – O *Collège de France* era aberto.

**A. O.:** – Ele estava à frente da cátedra de Sociologia nessa época.

**C. B. M.:** – Exatamente. E aí *séminaire fermé* [...], porque aí entrou a Monique, que era a principal colaboradora dele [...]. A Monique era muito amiga da Maria Loyola, que, como tudo na vida, passa por conexão de pessoas.

**A. O.:** – Da Maria Andrea?

**C. B. M.:** – Da Maria Andrea, que foi minha orientadora. E, quando eu cheguei lá, eu já cheguei com uma apresentação da Andrea para a Monique, que adorava a Andrea. E a Monique, “não sei por que cargas da água”, criou uma simpatia muito grande por mim. Nessa época, eu estava casado, tinha dois filhos, duas crianças. E Monique foi à minha casa, gostou dos meus meninos, gostava da minha ex-mulher [...]. A Monique tem um castelo, caindo aos pedaços, mas tem. Convidava várias vezes para ir ao castelo dela com meus filhos, a umas duas horas de Paris. E aí a Monique me introduziu do grupo do Bourdieu. Quer dizer, eu era orientando da Viviane Isambert Jamati; mas, na verdade, quem me orientava na minha tese era a Monique, a Monique junto com o Bourdieu. Era um grupo pequeno naquela época. François Bonvin, que era um cara muito importante, ele

não era um cara com muito destaque na escola do Bourdieu; mas, era um cara muito legal que trabalhava com o ensino privado na França. E aí eu frequentei essas aulas do Bourdieu durante cinco anos. Na verdade, não era aula. Ele chegava lá, e sempre pedia para uma pessoa apresentar a pesquisa dele. E ele fazia comentários. Eu fiquei cinco anos nesse *séminaire fermé* dele. Eu o via, muitas obras dele ele estava fazendo naquele momento, por exemplo, como o *Homo Academicus*, eu estava lá. Então, vários trabalhos dele eu participei em contato, na elaboração. E me marcou muito o Bourdieu na minha formação. Se bem que eu não sou um bourdieusiano radical, mas, ele é um cara que eu devo muito a ele. A maneira de pensar, na maneira de ver os problemas, me marcou muito. E eu passei quase 20 anos lendo as obras do Bourdieu. Chegou uma hora que eu me cansei e comecei a ler outras coisas; mas, ele foi um cara que marcou muito a minha vida.

**A. O.:** – Mais um ponto que eu queria colocar. Então, assim, esse seu trabalho realmente inaugura de fato uma discussão no Brasil sobre ensino superior privado etc., e me remete a um balanço que o senhor fez com Silke Weber, em 2010, no Horizontes das Ciências Sociais. Naquele balanço, vocês fizeram um balanço muito detalhado, sobre a produção bibliográfica, e indicam certa clivagem que existiria no campo da Sociologia da Educação, o que também havia aparecido no balanço da Arabela Oliven sobre o Grupo de Trabalho (GT) Educação e Sociedade da ANPOCS. Nesta clivagem, indica-se que a Sociologia da Educação no departamento de Sociologia e Ciências Sociais é, sobretudo, voltada para o ensino superior, e nas Faculdades de Educação é, sobretudo, para a educação básica. Isso também teve implicações no posterior desdobramento do GT que o senhor vem coordenando com a Clarissa Baeta Neves, tanto na ANPOCS como na SBS, que se resulta na transformação do GT de Educação e Sociedade para o GT de Ensino Superior estritamente. Em sua percepção, o senhor acredita que essa clivagem se mantém ainda nesses termos, porque, apesar de ser um balanço recente, já tem quase uma década esse balanço, são oito anos que se passaram?

**C. B. M.:** – Em um livro que organizei recentemente sobre a Sociologia no Brasil, junto com o professor Sergio Miceli, a Ana Paula Hey e a Ana Maria Almeida fizeram um novo balanço sobre a Sociologia da Educação. Elas fazem um balanço mostrando que já tem muito trabalho sobre ensino

superior também na educação. Mas eu acho que tem uma diferença muito grande, porque realmente a gente começou esse GT. A gente herdou ele da Aparecida Gouveira, que depois passou para uma pessoa muito bacana que era da Fundação Carlos Chagas, que coordenou ele por dois anos; depois, eu assumi esse GT. A gente começou a tocar esse GT; mas, esse GT tinha muito educador também, tinha um foco muito na educação. E, logo depois, a Fernanda também participou desse GT.

**A. O.:** – A Fernanda Sobral da UnB?

**C. B. M.:** – É. E aí a gente percebeu que o pessoal da educação vinha com uma perspectiva muito normativa. Sabe, assim e tal? E a gente começou a achar que a discussão não era essa. A gente queria renovar um pouco a discussão sobre educação no Brasil, uma perspectiva mais teórica, uma perspectiva mais abrangente, uma perspectiva mais refinada para analisar as coisas. E aí a gente começou a privilegiar mais os trabalhos que vinham do pessoal da Sociologia. A gente tem muito pouco trabalho de antropólogo, muito pouco trabalho de cientistas sociais, de cientistas políticos, então realmente era um GT que trabalhava mais [...]. Cobria mais trabalho do pessoal da sociologia. Bom, e chegou uma época que ficou meio confuso esse GT, porque era muito amplo. E a gente começou a receber críticas da própria ANPOCS também, que era um GT muito difuso, não tinha uma vertente muito clara. Foi na época que falei para Clarissa Baeta Neves: “precisamos passar a dar uma definição mais clara para esse GT e concentrar no ensino superior”. E aí a gente passou de educação e sociedade para aquelas configurações de ensino superior na sociedade contemporânea. E, aí sim, a gente começou a trabalhar mais com Sociologia da Educação; mas, também vieram algumas pessoas da educação.

**A. O.:** – A própria Helena Sampaio que têm colaborado com vocês também que é da educação?

**C. B. M.:** – É, exatamente. Eu acho que a clivagem é mais no tipo de informação. Eu acho que o pessoal que trabalha com Sociologia vem com uma abordagem teórica mais sofisticada. Mas, se bem que agora o pessoal da educação fez grandes progressos também na abordagem do ensino superior. Eu acho que hoje a diferença [...]. Eu acho que ainda tem uma coisa assim, na educação as vezes eu vejo uma [...], que eu também parei de ler

um pouco os trabalhos de pessoas que fazem na parte de educação no ensino superior, mas eu acho que tem uma coisa muito propositiva ali, coisa que a gente não tem muito na Sociologia. A gente tem mais uma perspectiva analítica, que vem muito do legado bourdieusiano, de analisar as coisas em vez de propor soluções. Então, eu acho que essa é uma clivagem. Mas, essa clivagem, eu acho que hoje ela não é tão clara assim, porque você, por exemplo, tem pessoas como a Helena Sampaio que fazem trabalhos muito interessantes sobre o ensino privado. Então, eu acho que essa clivagem [...], mas houve uma coisa, houve um distanciamento entre a sociologia, entre sociólogos, cientistas sociais, e educadores, tanto assim que se criou, na ANPED, um grupo de Sociologia de Educação. E raramente há um cruzamento de pessoas que circulam de um grupo para o outro.

**A. O.:** – Eu acho que única que circulou foi a Maria Alice Nogueira, que de fato [...].

**C. B. M.:** – Mas, por exemplo, há muito tempo não apresenta trabalho no nosso GT.

**A. O.:** – É, na ANPOCS acho que não. Só na SBS que ela coordena um GT.

**C. B. M.:** – Na SBS tem um GT de educação e sociedade, mas a gente criou um GT de ensino superior. Então, aí permanece realmente certa clivagem.

**A. O.:** – Inclusive você citou o balanço da Ana Paula Hey e da Ana Maria Almeida. Eu assisti à apresentação da versão original e li o trabalho final. E, apesar de ser um balanço muito próximo, há diferenças nesse curto intervalo de tempo entre o balanço que elas fizeram e o que o senhor fez com a Silke Weber em 2010. O senhor percebe a existência de mais continuidades do que rupturas nesses dois balanços?

**C. B. M.:** – Eu acho que permanecem continuidades, mas também permanecem rupturas. Eu acho que, por exemplo, a questão da temática da educação hoje ela é muito mais forte nas Faculdades de Educação do que nas faculdades de Sociologia. Acho que, por exemplo, se você pegar assim [...], há muito tempo, você tinha três ou quatro programas que trabalhavam com a questão de educação na sociologia, que eram: Pernambuco,

Brasília, UFRGS e USP. Eu acho que a temática de educação na sociologia, nas ciências sociais, ela não é uma temática forte. Inclusive, eu diria que é uma temática meio dominada, não é uma temática que se você pegar, por exemplo, comparada à educação, com o tema de violência, de etnia, de raça, de gênero. A educação está lá embaixo, porque o que eu e a Clarissa tentamos fazer foi dar um lugar de destaque para a educação no rol das Ciências Sociais brasileiras; mas, era uma posição muito modesta ainda. Acho que educação é [...] na hierarquia das Ciências Sociais. Agora, na hierarquia das Faculdades de Educação, ela é muito mais forte. Aí eu já não sei mais, porque aí você tem subdivisões de pessoas que trabalham com ensino superior, que trabalham com ensino médio. Eu não sei como que é a posição das pessoas que trabalham com ensino superior no campo da educação, comparada com ensino básico, ensino primário, ensino de jovens. Eu não sei, mas eu sei que a Clarissa e eu lutamos duramente, e também a Fernanda, muito duramente com a perspectiva de dar uma legitimidade, uma respeitabilidade para a questão da educação. Inicialmente educação; agora, com a educação superior, no contexto da Sociologia.

**A. O.:** – O próprio debate sobre o ensino de Sociologia, por exemplo, ainda é um debate muito periférico.

**C. B. M.:** – É um debate que é periférico e que está entrando diretamente na Sociologia. Acho que deve ser mais forte nas Faculdades de Educação do que na Sociologia. Não sei, tenho essa impressão, porque houve uma clivagem, acho que muito forte nas Faculdades de Educação, Programas de Pós-Graduação em Educação e Programas de Ciências Sociais. Isso é uma clivagem muito forte. Eu diria até que é uma indiferença recíproca entre as Faculdades de Educação e os programas de Ciências Sociais, tanto na graduação quanto na pós. Eu pessoalmente perdi muito o contato com o que se passa na área de educação, nos programas de educação, e eles também perderam muito contato com o que a gente faz na área de [...].

**A. O.:** – Mas, saindo até um pouco desse balanço da Sociologia da Educação, eu queria entrar um pouco no segundo bloco de pensar um pouco esse papel que o senhor está ocupando nesse momento, de presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia, e que também curiosamente foi em Brasília que a Sociedade Brasileira de Sociologia se refundou no contexto

da redemocratização, se não me engano em 87, na época do terceiro congresso, e o próximo aqui em Florianópolis, sob sua presidência novamente. E também eu tenho conhecimento de que o senhor possui esse trânsito pelas outras sociedades científicas, havendo participado há pouco tempo do congresso da ISA que ocorreu há pouco tempo em Toronto. Nesse sentido, como que o senhor percebe o papel da SBS no contexto de hoje? Qual é o papel que ela ocupa, seja no campo acadêmico, pensando também a sociedade civil mais ampla?

**C. B. M.:** – E acho o seguinte, essa sua pergunta é muito interessante, eu acho que, realmente ela foi criada lá em 83, né? E ela foi adquirindo uma sistematicidade no nível de apresentação de congresso [...] hoje acho que ela tem uma importância muito grande no sentido de, não é de organizar o debate, mas no sentido de circunscrever o debate que se faz na Sociologia dentro da associação. Eu acho que hoje ela conseguiu congregar vários programas, vários pesquisadores. Eu acho que ela hoje é o espaço onde ocorre a discussão de ponta na Sociologia. Eu acho que ela é importante nesse sentido; mas, eu acho que a SBS ela é muita vista como congresso realmente [...]. Se você pensar também a Anpocs é muito vista como encontro nacional que se tem [...]. Eu acho que ela pode fazer mais coisa, que na verdade você pode [...], precisa ter uma ideia de você dar uma maior autonomia para os grupos, para os GTs, para eles poderem funcionar em termos de seminários, de atividade, nos espaços do congresso. Que isso não funcione apenas no momento do congresso, mas que eles possam ter uma existência dinâmica.

**A. O.:** – Que é o modelo da ISA mais ou menos né?

**C. B. M.:** – Exatamente. A gente tá tentando fazer isso. O Sell, por exemplo, é um adepto dessa coisa; mas, a gente não conseguiu emplacar isso ainda. Mas, eu acho que um papel importante a associação científica pautar o debate. Por exemplo, acho que, em congressos passados, a gente discutiu pouco essa coisa de que hoje a Sociologia não se confina mais no país, ou seja, tem um campo global da Sociologia. Foi uma discussão que a gente fez no congresso anterior, mostrando que hoje você tem um novo campo, um novo espaço, que é um espaço internacional da Sociologia. Acho que a ISA coordena isso tudo, porque um desafio nosso é como a gente se insere nesse campo internacional.

**A. O.:** – Nesse sentido, como poderíamos pensar essa relação entre o nacionalismo metodológico, que muitos indicam como sendo uma marca da Sociologia brasileira, e o processo de internacionalização? Quais os desafios que a Sociologia brasileira tem enfrentado nesse ponto?

**C. B. M.:** – Eu acho que é muito importante a SBS [...] eu assumi isso como método de trabalho, quer dizer, lançar essa discussão sobre [...]. Quer dizer, todo mundo sabe hoje que a Sociologia não é mais [...], é internacional. Se você tem várias tradições sociológicas no mundo todo, acho que a Sociologia é um produto da academia, da história, muito específica de cada país. Eu acho que a Sociologia nossa é muito diferente da Sociologia que se configurou talvez no Japão, na Austrália. Ela tem sua marca histórica, como a Sociologia francesa tem sua marca histórica, a Sociologia alemã tem sua marca histórica; mas, eu acho que o importante [...] perceber hoje que a gente tem que dialogar mais com o mundo. Mas agora, claro, essa Sociologia internacional, ela é um campo hierárquico também. Hierárquico no sentido de que você tem os dominantes também. Ela tem uma estrutura de poder. Essa estrutura de poder se configura em termos das casas de edições, das editoras, da língua, do reconhecimento dos centros de pesquisa e tal. E a gente realmente ocupa uma posição dominada. Se você pegar hoje, por exemplo, 95% da produção mundial, assim que circula hegemonicamente é em inglês. O francês hoje incrivelmente é 2%, o alemão acho que é 1%, em termos de língua e publicações [...]. Agora eu acho que, e aí se tem todo um movimento, que vários países criaram sistemas de pós-graduação. Vários países criaram também áreas regionais de Sociologia, como na África, tem as associações nos países árabes, você tem as associações latino-americanas, como a CLACSO. Hoje há também certa regionalização da Sociologia. E você tem hoje uma briga muito grande, uma tensão muito grande, dessas Sociologias que ocupam relativamente posições marginais no campo, para entrar do *mainstream* da Sociologia. Então, é uma luta que se tem. Agora o Brasil eu acho que tem uma contradição muito grande, porque você tem uma comunidade científica de Sociologia e Ciências Sociais muito forte, muito cosmopolita, que circula mundialmente, principalmente a geração mais jovem. É uma geração muito afinada com o que se passa no mundo, muita circulação [...]; mas, isso ainda a gente não está conseguindo entrar nesse *mainstream*, em

função dos critérios de hierarquia desse campo. Agora eu acho que uma coisa que a gente tem que fazer é pesquisas mais comparativas, de Brasil com América Latina, Brasil com problemas que se passam também na Europa hoje em dia, na Ásia, [...] É uma maneira que a gente tem de sair um pouco do Brasil para poder ter conexões, redes de pesquisa. É muito importante. Eu acho que fazer uma Sociologia de boa qualidade, mais, assim, muito com a especificidade dos nossos problemas. Mas as especificidades dos nossos problemas tem a ver também com outros problemas que se passam em outras partes do mundo. Acho que nós estamos muito confortáveis na nossa posição de fazer pesquisa sobre o Brasil. Acho que a pesquisa comparativa é uma coisa importante para a gente fazer. E a gente constitui redes e enfrentar [...], porque o problema básico, quando você vai divulgar essas pesquisas que você faz no Brasil, é muito difícil você ter acesso às revistas que são as mais importantes do mundo. Publicar em uma *American Journal of Sociology* é um desafio para o pesquisador brasileiro, porque se tem um padrão muito forte de exigência, de rigor ortodoxo, e você demora quatro ou cinco anos para ser aprovado em uma revista dessa. Então, nós temos problemas aí de “como, do que fazer”. E é exatamente o que eu estou querendo discutir nesse simpósio nosso [ocorreu no encontro anual da ANPOCS em 2018], “quais são os desafios que a sociologia tem pela frente de entrar nesse *mainstream*, de entrar nessa concorrência”, porque é um campo de concorrência. Eu acho que uma coisa que o Bourdieu me ensinou é que o campo científico é um campo de concorrência. E você concorre com pessoas que têm mais força do que você. E como é que você tem que adquirir força para entrar nesse campo? Acho que essa é a questão nossa. Teve uma questão também sobre se a gente quer entrar nesse campo ou não, porque poderia ficar muito confortável aqui no nosso campo, fazendo uma Sociologia [...] Eu acho que ela tem uma função muito importante, uma função pública, que era a discussão que eu estava fazendo ontem, de aportar conhecimento para o país, de abordar as questões mais candentes no Brasil, mas também de escoar essa produção internacionalmente. Muita coisa que nós fazemos aqui é totalmente desconhecida. Talvez uma estratégia boa para a gente seria fazer coisas mais comparativas. Talvez com coisas mais comparativas o nosso conhecimento poderia entrar nessa agenda mundial.

**A. O.:** – Minha última pergunta refere-se, então, a algo que você tangenciou nas questões anteriores: afinal, que marca seria essa, então, da Sociologia brasileira? O que marcaria distintivamente a nossa Sociologia?

**C. B. M.:** – Poxa vida, que pergunta difícil! [risos] [...]. Bom, a primeira coisa: eu acho que é uma Sociologia tardia. Nós temos uma Sociologia que surge tardiamente no Brasil. Para você ver, ela vai surgir por volta das primeiras décadas do século XX. Há um pensamento social que antecede todos aqueles pensadores que a gente sabe que produziu antes, que vão aparecer por volta de 1930; mas, a Sociologia só vai ganhar mesmo com a USP e com a UDF. E ganha de fato uma institucionalização a partir de 1970, com a Reforma Universitária e as pós-graduações. Acho que é uma marca dela, essa marca de surgir tardiamente. Uma marca também de ser muito forte o caráter acadêmico dela. É basicamente uma ciência feita nas universidades, mas também é uma Sociologia que ela tem uma disposição de ser pública. Isso é uma coisa muito importante, de não ser uma Sociologia só voltada para os pares. Ela é uma sociologia muito voltada para os pares, mas uma Sociologia também que tenta romper essas barreiras e ser uma Sociologia também de diálogo com o país, que marca um pouco a ideia de universidade no Brasil. A ideia de universidade no Brasil não é uma coisa só acadêmica. Ela tem uma perspectiva de ser, digamos assim, uma consciência da nação. Não que a Sociologia seria, como diziam muito tempo atrás, que é a maneira mais fácil de solucionar os problemas brasileiros, mas uma Sociologia muito voltada também para pensar o país. Eu não sei se a Sociologia americana é isso; por exemplo, ela é uma Sociologia que tem outras características. Eu acho que esse caráter tardio marca muito essa Sociologia. Essa questão de jogar com os problemas também. E também uma sociologia um pouco acanhada para dialogar com outras Sociologias.

**A. O.:** – Muito obrigado pela entrevista!